

o maracanã do **OSCAR**

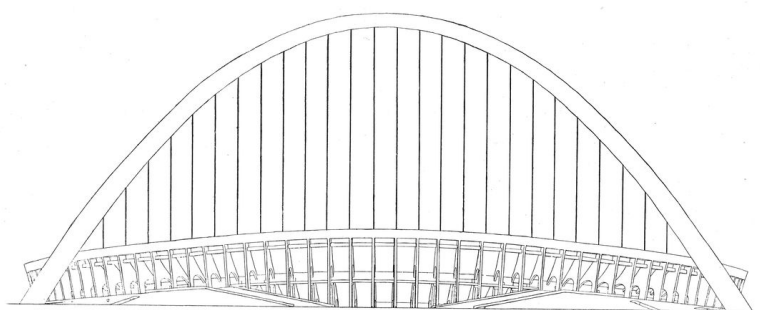
e as batalhas
pelo maracanã

por **DANILO MATOSO**

É tempo de Copa do Mundo, e um espírito ronda os fãs do futebol, o espectro da disputa. Enquanto os jogadores correm atrás da bola em estádios na América do Norte, outras competições vão tomando as ruas. Pais revivendo a infância trocam figurinhas e batem bafo em nome de seus filhos, na ânsia de completar seu álbum antes do fim do torneio — ou antes do vizinho. Quem raramente acompanha o esporte se diverte em dar palpites estapafúrdios sobre a performance das equipes, só para confrontar os que respiram futebol e sabem de cor a escalação de várias seleções. Os amadores também disputam e vencem os bolões da família e da firma. Velhas e novas estatísticas de conquistas e fracassos, artilharia e defesa, o maior e o menor. Vale tudo para superar o adversário, quem quer que ele seja. A história dos estádios de futebol não é diferente. E também a trajetória do Maracanã, o nosso Estádio Nacional, foi marcada por competições, corridas, vitórias e derrotas.

Questão de tamanho

O período entreguerras viu as disputas nacionais e políticas serem levadas a todos os campos, e a Arquitetura e a Engenharia não eram exceções. Em Nova York, os arranha-céus Chrysler e Empire State competiam em altura. No Brasil, o edifício A Noite no Rio de Janeiro e o Martinelli em São Paulo também travavam disputa cabeça a cabeça. Se os esportes de massa se transformavam cada vez mais em fenômenos sociais inescapáveis, a competição pelos títulos de maiores e melhores estádios também estava na ordem do dia.



O pontapé inicial da partida foi dado em 1923 quando da inauguração do Empire Stadium de Wembley, Inglaterra, um campo de futebol com capacidade para 125 mil espectadores (30 mil sentados), projetado por John Simpson e Maxwell Ayrton. Em 1930, realizou-se em Montevideu a primeira Copa do Mundo de Futebol, no gigantesco estádio Centenario, projetado por Juan Antonio Scasso para 100 mil espectadores e inaugurado com certo atraso, já durante a competição. Em 1934, o evento seria sediado no Stadio Nazionale de Roma — projetado em 1911 por Marcello Piacentini — e ampliado para 47 mil lugares em 1927, quando fora rebatizado como Stadio del Partito Nazionale Fascista, com seu arquiteto em lugar de prestígio no regime. Em 1936, o regime nazista inaugurava em Berlim o Olympiastadion, com 100 mil lugares e desenho de Werner March. A Copa de 1938 teria sua principal sede no Stade Olympique de Colombes, em Paris, projetado por Louis Faure-Dujarric para os Jogos Olímpicos de 1924 e ampliado para cerca de 64 mil lugares. Com o início da Segunda Guerra, a disputa seria adiada.

No Brasil, o futebol ganhava cada vez mais adeptos, profissionalizando-se em 1933, e os estádios já abrigavam as disputas nas principais cidades. No Rio de Janeiro, o Estádio das Laranjeiras do Fluminense, com desenho de Hypolito Pujol e capacidade para 18 mil pessoas, fora inaugurado em 1919. Em 1927, a colônia portuguesa erguia o São Januário, projetado em estilo neocolonial para o Vasco da Gama por Ricardo Severo, com 30 mil lugares. Era o maior da América do Sul até a construção do Centenario de Montevideu. Já o Flamengo só teria seu estádio na Gávea em 1938, com apenas 8 mil lugares num bloco de arquibancadas projetado pelo italiano Alessandro Baldassini.

na página anterior: Oscar Niemeyer, Estádio Nacional, 1941 — Maquete, vista geral. Ao lado um desenho da elevação.

Disputa política, disputa entre arquitetos

O Maracanã não nasceu ligado a nenhum clube, mas sim ao campus da Universidade do Brasil. No desenho institucional da época, as políticas de esportes eram disputadas entre as pastas federais. O Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP) participava dessa disputa, incluindo as instalações esportivas no âmbito de um campus universitário. Para a ala conservadora do Estado Novo, o nome natural para elaborar o projeto era o de Piacentini, que, além do estádio, era “responsável pelo classicismo despojado do campus da Universidade de Roma” — nas palavras de Carlos Eduardo Comas, autor do artigo “Niemeyer e o Maracanã 1936–2011”, de onde extraímos a maior parte das informações históricas deste texto.

O arquiteto estrangeiro foi contratado como consultor em 1935, para escolher o terreno da instituição. Lucio Costa tentou em vão demover o gabinete de Capanema da ideia de um campus historicista, convocando outro estrangeiro, o suíço Le Corbusier, para oferecer uma alternativa purista, além de elaborar ele mesmo uma proposta de feição similar — com uma equipe que incluía Oscar Niemeyer.

Costa propôs a implantação do campus no Prado Maracanã, onde ficava o hipódromo desativado do Derby Club, que ladeava a Quinta da Boa Vista. Embora o Ministério acatasse o local, o italiano acabaria sendo contratado, concluindo seu projeto em 1938 — elaborado com Vittorio Morpurgo. O monumental conjunto incluía um estádio para até 70 mil espectadores circundado por um peristilo de pilares duplos. Enquanto nos projetos de Corbusier e Costa o equipamento esportivo era secundário, na proposta de Piacentini se tornava um elemento de grandes proporções que equilibrava, do outro lado da linha do trem, o bloco de aulas monumental próximo ao Palácio de São Cristóvão.

Em 1939, com o início da Guerra, proibia-se no Brasil o trabalho de profissionais dos países do Eixo, inviabilizando a continuidade de Piacentini e Morpurgo. Em março de 1941, o MESP vencia a disputa institucional e criava o Conselho Nacional de Desportos. Em outubro, lançava “concurso de projetos para o Estádio Nacional e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos no setor sul da gleba atravessada pelos trilhos da Central do Brasil”.

O programa incluía três “arenas cobertas” para ginástica, basquete e tênis, um campo de polo, uma escola de educação física com dormitórios e o estádio com nada menos que 130 mil lugares, que se tornaria o maior do mundo. Organizado em etapas, o certame teria seis finalistas — um deles o jovem Oscar Niemeyer, então com pouco mais de 30 anos, com consultoria estrutural do mais prestigioso engenheiro calculista da época, Emílio Baumgart.



Em sua hábil proposta, a primeira inovação consistia em rebaixar em 13 metros o nível do campo em relação ao terreno original, de modo que o público pudesse acessar as arquibancadas por níveis intermediários alinhados a declives quase naturais proporcionados por um jogo de taludes, sem necessidade de subir rampas externas.

acima: a maquete do Estado Universitário, projeto de Marcello Piacentini e Vittorio Morpurgo, 1938

Como em outros estádios, a maior arquibancada situava-se a oeste, de modo a proteger a plateia do sol poente. A segunda inovação de Niemeyer consistia em pendurar a cobertura deste trecho por cabos de aço ligados a um gigantesco arco parabólico de 300 metros de vão e 100 metros de altura — equivalente a um edifício de 35 andares.

O concurso premiou o projeto da dupla Pedro Paulo Bernardes Bastos e Antônio Augusto Dias Carneiro. Os próprios jurados, porém, faziam sérios questionamentos quanto ao vencedor, que mantinha um percurso de pedestre demasiado longo. Em 2 de outubro de 1943, noticiava-se no jornal *A Noite* a construção de dois estádios: o do MESP e outro da prefeitura — que havia pedido estudos para um Estádio Municipal a Rafael Galvão e Orlando da Silva Azevedo, que haviam buscado consultoria com o engenheiro italiano Pier Luigi Nervi —, aparentemente no terreno de São Januário.

Em 25 de agosto de 1946, a reunião da FIFA em Luxemburgo definia que a sede do mundial de 1950 seria no Brasil. Os autores do Estádio Municipal e os finalistas do concurso do estádio do MESP foram convidados a rerepresentar suas propostas, novamente sem que se chegasse a uma conclusão. Niemeyer não pôde comparecer, pois estava em Nova York participando do projeto da sede da Organização das Nações Unidas (ONU). Como não havia tempo de promover um concurso, a comissão avaliadora propôs a elaboração de um projeto coletivo das equipes finalistas, com capacidade para 150 mil espectadores, configuração elíptica e aspecto fechado. A Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro autorizou a construção do Estádio Municipal em 29 de outubro de 1947, na localização definida pelo MESP, com projeto assinado pela equipe mista de Galvão, Bastos, Carneiro e Azevedo — vencedores de um confronto de mais de cinco anos. Niemeyer perdera por W.O.



O projeto construído é uma elipse simétrica, com vigamento de cobertura invertido e corte das arquibancadas similar ao proposto por Nervi, com dois conjuntos transversais de rampas de acesso desenvolvendo-se pelos lados maiores opostos. A pedra fundamental seria lançada em 20 de janeiro de 1948 e o estádio seria inaugurado em 16 de junho de 1950, às vésperas da Copa do Mundo. Havíamos construído o maior estádio de futebol do mundo, sediaríamos o maior torneio do planeta, e o venceríamos. Vencemos tudo? Não. Como na letra de um tango platense, veríamos a derrota de nossa seleção para o Uruguai na final, diante de uma multidão muda, no que ficaria conhecido como Maracanaço.

nas fotos: Maracanã em maquete e em construção.



A era das vitórias populares e seu declínio

Apesar da derrota, o Maracanã continuava lá no antigo terreno do Derby. Era definitivo. E mesmo seu difícil parto fora um feito memorável: o Maracanazo reuniu a maior multidão já vista pelo futebol, com 199.854 pessoas. Em 1963, um Fla-Flu seria assistido por 194.603 pessoas — recorde mundial entre clubes que ninguém jamais ameaçou. Ali se decidiram duas Copas do Mundo (1950 e 2014), uma Copa das Confederações (2013), duas Copas América (2019 e 2021), finais de Libertadores — incluindo as decisões em jogo único de 2020 e 2023. Por quase quatro décadas, foi o maior estádio do mundo, até ser superado pelo Rungrado, em Pyongyang, Coreia do Norte, em 1989.

Ali ocorreram as cerimônias e a final do futebol da Olimpíada de 2016, e as cerimônias do Pan de 2007. Sem contar cerca de duas dezenas de finais de Campeonato Brasileiro, nove de Copa do Brasil e dezenas de finais cariocas. Foi onde Pelé fez o gol mil, em 1969. E mesmo quando não havia bola, havia gente: Frank Sinatra abriu os anos 1980 ali para 175 mil pessoas; Tina Turner, em 1988, levou perto de 200 mil — recorde mundial de público de uma artista solo; e Paul McCartney, em 1990, reuniu cerca de 184 mil pagantes, marca que entrou no Guinness.

Entre os estádios, o Maraca foi e é nosso templo maior. Até Oscar Niemeyer, derrotado no concurso da década de 1940, reconheceria o que chamara de “equivoco” de seu projeto assimétrico:

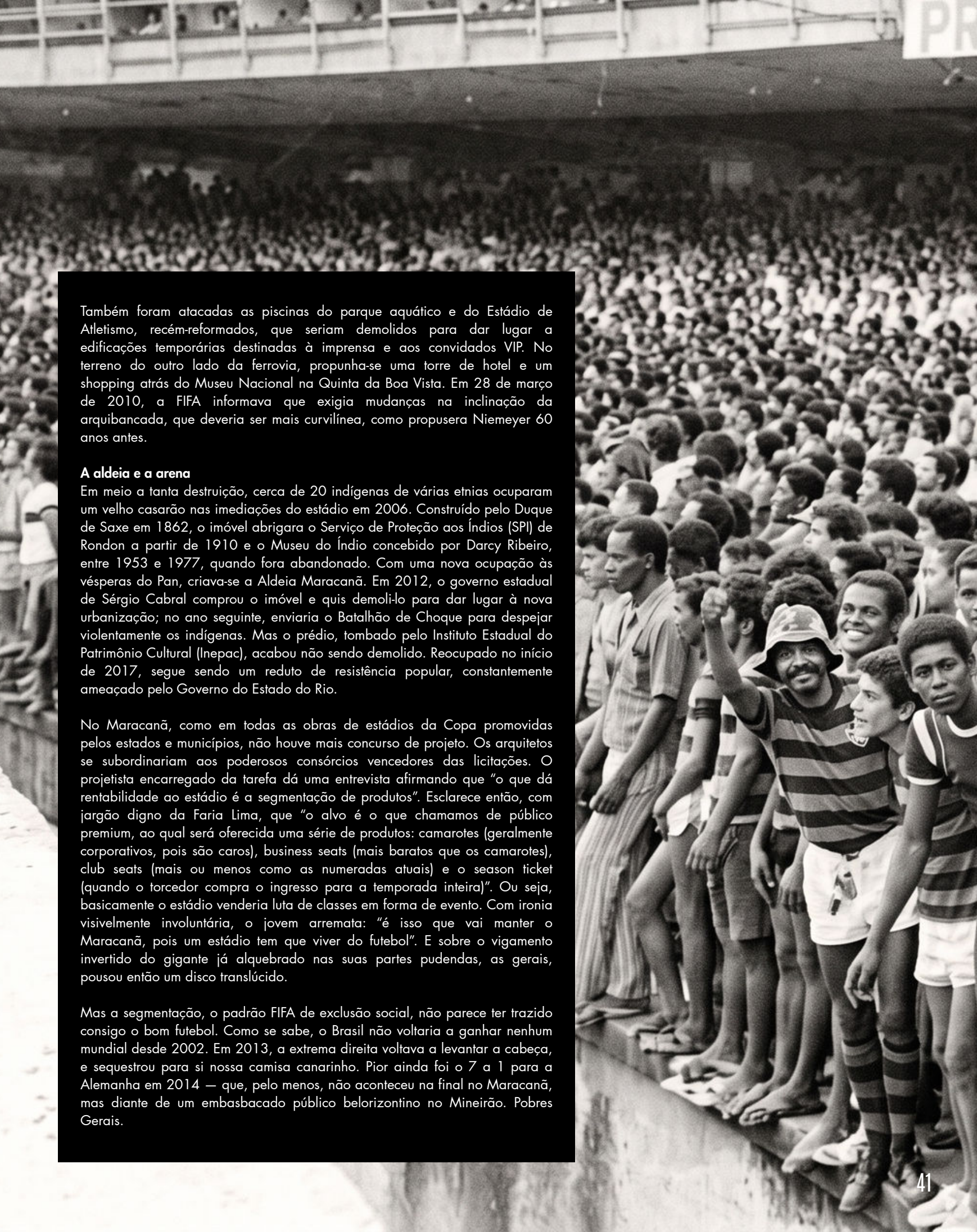
“o importante era, ao contrário, manter em todo o estádio a mesma densidade de público, e com isso o clima de festa desejado se multiplicaria, a euforia geral a se propagar”.

Via de regra, porém, o estádio não é reconhecido por seus dotes arquitetônicos. Após uma indicação frustrada em 1983, o edifício é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2000 por ter “lugar certo na memória da nação sob o ponto de vista histórico, sem que, contudo, se afigure como notável no campo das belas artes, já que lhe faltam qualidades funcionais e plásticas que permitiriam reconhecê-lo sem hesitar como obra excepcional” — sentenciava o memorando de indicação do órgão.

O Maracanã passou por pelo menos três grandes reformas. A primeira, anunciada em 1997, buscava atender as exigências da FIFA para o I Campeonato Mundial de Clubes em janeiro de 2000. Ali as arquibancadas foram divididas em setores, recebendo assentos individuais. A capacidade caíria para 128 mil lugares. A segunda grande obra seria feita para os Jogos Pan-Americanos de 2007, com o campo rebaixado e a instalação de cadeiras individuais também na geral. A capacidade já despencaria para 89 mil pessoas.

A remodelação mais radical seria feita a partir de 2009, para a Copa do Mundo de 2014. Problemas reais como tempo de evacuação do público e a acessibilidade deveriam ser atacados.



A black and white photograph of a large crowd of people in a stadium. In the foreground, a group of young men are standing, looking towards the camera. One man in the center is wearing a striped shirt and a bucket hat, and is pointing his finger. The background shows a vast sea of people filling the stadium seats.

Também foram atacadas as piscinas do parque aquático e do Estádio de Atletismo, recém-reformados, que seriam demolidos para dar lugar a edificações temporárias destinadas à imprensa e aos convidados VIP. No terreno do outro lado da ferrovia, propunha-se uma torre de hotel e um shopping atrás do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Em 28 de março de 2010, a FIFA informava que exigia mudanças na inclinação da arquibancada, que deveria ser mais curvilínea, como propusera Niemeyer 60 anos antes.

A aldeia e a arena

Em meio a tanta destruição, cerca de 20 indígenas de várias etnias ocuparam um velho casarão nas imediações do estádio em 2006. Construído pelo Duque de Saxe em 1862, o imóvel abrigara o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) de Rondon a partir de 1910 e o Museu do Índio concebido por Darcy Ribeiro, entre 1953 e 1977, quando fora abandonado. Com uma nova ocupação às vésperas do Pan, criava-se a Aldeia Maracanã. Em 2012, o governo estadual de Sérgio Cabral comprou o imóvel e quis demoli-lo para dar lugar à nova urbanização; no ano seguinte, enviaria o Batalhão de Choque para despejar violentamente os indígenas. Mas o prédio, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), acabou não sendo demolido. Reocupado no início de 2017, segue sendo um reduto de resistência popular, constantemente ameaçado pelo Governo do Estado do Rio.

No Maracanã, como em todas as obras de estádios da Copa promovidas pelos estados e municípios, não houve mais concurso de projeto. Os arquitetos se subordinariam aos poderosos consórcios vencedores das licitações. O projetista encarregado da tarefa dá uma entrevista afirmando que “o que dá rentabilidade ao estádio é a segmentação de produtos”. Esclarece então, com jargão digno da Faria Lima, que “o alvo é o que chamamos de público premium, ao qual será oferecida uma série de produtos: camarotes (geralmente corporativos, pois são caros), business seats (mais baratos que os camarotes), club seats (mais ou menos como as numeradas atuais) e o season ticket (quando o torcedor compra o ingresso para a temporada inteira)”. Ou seja, basicamente o estádio venderia luta de classes em forma de evento. Com ironia visivelmente involuntária, o jovem arremata: “é isso que vai manter o Maracanã, pois um estádio tem que viver do futebol”. E sobre o vigamento invertido do gigante já alquebrado nas suas partes pudendas, as gerais, pousou então um disco translúcido.

Mas a segmentação, o padrão FIFA de exclusão social, não parece ter trazido consigo o bom futebol. Como se sabe, o Brasil não voltaria a ganhar nenhum mundial desde 2002. Em 2013, a extrema direita voltava a levantar a cabeça, e sequestrou para si nossa camisa canarinho. Pior ainda foi o 7 a 1 para a Alemanha em 2014 — que, pelo menos, não aconteceu na final no Maracanã, mas diante de um embasbacado público belorizontino no Mineirão. Pobres Gerais.

Quando os estádios tinham arquibancada sem cadeira e geral, os seus ídolos no mundo todo eram uma mistura de atletas com rebeldes, malandros e, claro, artistas. Zagueiro que driblava, como Domingos da Guia; atacante de perna torta, como Garrincha; artilheiro que dava voadora num torcedor facho, como Eric Cantona, que fazia gol de mão, como Maradona, que arrematava uma corrida de 50 metros rasos com uma bicuda certa pro gol, como Romário. E que dizer de um Sócrates, rei do passe de calcanhar, herói da Democracia Corinthiana, que comemorava gol com o punho erguido dos Panteras Negras em plena ditadura?

Tudo isso aconteceu dentro dos gigantes de concreto que sacolejavam quando a torcida pulava numa arquibancada sem cadeiras. Tudo se passava quando a geral era uma espécie de zona livre para o movimento dos torcedores, e nenhuma emoção era malvista: fúria, tristeza, alegria. Nada disso parece possível no futebol de hoje, em suas arenas com nome de chocolate, idolatrando atletas de alta performance. Há já umas boas décadas o jogo vem ficando cada vez mais pasteurizado, limpo, galáctico, e os estádios também. Mas tudo sempre pode mudar, e a alegria de um futebol imperfeito e humano como o Maracanã talvez se espalhe novamente pelas ruas.



abaixo: o maracanã do oscar em IA e a maquete



Danilo Matoso nasceu em Brasília em 1974, ano que o Brasil suou pra ganhar do Zaire. É torcedor do Cruzeiro. Arquiteto e urbanista, projetista de ofício, servidor público, pesquisador na UnB e dirigente do Docomomo Brasil. Militou na política e no movimento sindical, foi editor e colunista das revistas como MDC, O Partisano e O Ipê. Pesquisa história da arquitetura e do livro. Editou e publicou diversos artigos e livros sobre arquitetura, incluindo “Destruição da arquitetura: crônicas políticas de um país em demolição” (Ruptura, 2022).